



# A criança e a interação conversacional: uma execução orquestral

João Ricardo Fagundes dos Santos<sup>1</sup> e Marlete Sandra Diedrich<sup>2\*</sup>

<sup>1</sup>Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil. <sup>2</sup>Universidade de Passo Fundo, Av. Brasil Leste, 285, 99052-900, Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil. \*Autor para correspondência. E-mail: marlete@upf.br

**RESUMO.** O tema de investigação neste artigo é a busca de adaptação do discurso da criança em relação ao discurso do outro na vivência da experiência de aquisição da linguagem. Parte-se da ideia de que, ao participar da conversação, os falantes constroem suas manifestações discursivas tematicamente centradas, o que permite a analogia com a 'orquestra', um trabalho comum sendo orquestrado por todos que participam da interação. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar como a criança adapta o seu discurso em relação ao discurso do outro de forma a se inserir na orquestra regida pela conversação. São conceitos fundamentais na investigação da questão as ideias de orientação da palavra em função do outro e orientação apreciativa, advindas da Teoria Dialógica do Discurso. Analisam-se eventos interacionais vivenciados por uma criança na faixa etária dos dois anos e três meses a dois anos e seis meses, envolvendo uma criança mais velha e um adulto. A análise permite afirmar que a criança assume papéis particulares nas interações vivenciadas com o outro, os quais apontam para um deslocamento de situações sociais já vividas em outras enunciações para a especificidade do aqui-agora da situação mais imediata, o que se dá sempre em relação à situação social vivenciada e por meio de uma orientação apreciativa da palavra do outro.

**Palavras-chave:** palavra alheia; orientação apreciativa; aquisição; situações sociais.

## Child and conversational interaction: an orchestral action

**ABSTRACT.** The theme of this article's investigation is the search for the child's discourse adjustment with regard to the other speaker, during the experience of language acquisition. The main idea is that, when participating in a conversation, the speakers build their discourse expressions centered in a theme, which allows the analogy with an 'orchestra', a common work being built by all participants of the interaction. Therefore, the purpose of this paper is to analyze how the child adapts her speech in relation to the other speaker to enter the orchestra ruled by the conversation. The orientation of the word in function of the other and appreciative orientation, arising from the Dialogical Theory of Discourse, are fundamental concepts in this investigation. Interactional events lived by a child during her two years and three months up to two years and six months old are analyzed, where a much older child and an adult are present. The analysis allows to state that the child takes on particular roles in the interactions lived with the other speakers, who point to a dislocation of social situations already lived by them in other enunciations to the specifications of here-now of the most immediate situation, which always happens regarding the social situation lived and through the appreciative orientation of the other's word.

**Keywords:** other's speech; appreciative orientation; acquisition; social situations.

Received on January 8, 2019.

Accepted on April 30, 2020.

## Introdução

Neste artigo, somos motivados por uma analogia apresentada por Winkin (1998): a comunicação é entendida como uma 'orquestra', uma vez que há um trabalho comum sendo orquestrado por todos que dela participam. A analogia da orquestra é muito didática, já que temos cada músico participando com seu instrumento e estilo, mas todos harmonizados e buscando a execução da mesma música. Numa perspectiva comunicacional 'orquestral', os indivíduos envolvidos participam da comunicação, cada um com sua individualidade e modos de comportamento, mas empenhados em adaptar-se aos outros e às regras do

contexto para formar um todo integrado. Nessa perspectiva, a comunicação é entendida como um fenômeno social, uma vez que só há significação no conjunto dos modos de comunicação e no contexto de interação. Entre os contextos de interação, elegemos, para estudo, a interação conversacional vivenciada pela criança em seus primeiros anos de vida, e deslocamos a analogia da orquestra para ilustrar esse contexto de interação.

Com base nessa analogia, temos o seguinte objetivo: analisar como a criança adapta o seu discurso em relação ao discurso do outro de forma a se inserir na orquestra regida pela conversação. Temos ciência de que o tema não é novo, uma vez que, como mostraremos neste artigo, muitos outros trabalhos já se ocuparam da temática. No entanto, nosso interesse lança novas luzes sobre o tema, uma vez que nos interessa saber que deslocamentos marcam o dizer da criança, em suas interações com os adultos e com outras crianças, na construção da conversação, face ao que o outro diz, pois, como se sabe, ao participar da conversação, os falantes constroem suas manifestações discursivas tematicamente centradas, o que implica pensarmos no princípio dialógico segundo o qual “A palavra é orientada para o interlocutor”, ou seja, é orientada para ‘quem’ é este interlocutor [...]” (Volóchinov, 2017, p. 204-205, aspas do autor): seu grupo e papel social são levados em conta e, principalmente, sua relação com o falante, se há laços mais ou menos estreitos entre eles, definindo, assim, um interlocutor concreto e seu auditório social. Sabendo disso, perguntamo-nos: Que movimentos a criança realiza na construção da conversação face ao que o outro diz? Conhecer tais movimentos é importante para melhor entendermos o deslocamento da criança no ato de aquisição da linguagem, o qual, segundo já afirmamos (Diedrich, 2017), se dá sempre em relação à língua, ao outro e ao papel interacional por ela assumido como sujeito de dizer.

Trata-se, dessa forma, de aprofundar o conhecimento que temos acerca da aquisição da linguagem como fenômeno linguístico interacional, cuja execução, portanto, assemelha-se ao modelo orquestral, em que nada do que se diz ou se faz pode ser concebido como monológico, mas sempre em dependência e em relação ao que o outro diz ou faz, conforme os estudos da Análise Dialógica do Discurso. Nesses movimentos de adaptação, vemos a criança se deslocar na linguagem, assumindo, na interação, determinados papéis que se constituem na mobilização do discurso, numa clara relação com a língua e com o outro.

Compreender como se dá esse deslocamento tem sido nosso objetivo em nossas investigações, as quais envolvem um corpus de manifestações discursivas da criança em situações conversacionais com adultos e com crianças mais velhas (Diedrich, 2015). Desse corpus, selecionamos dois eventos, com os quais não temos pretensão de apresentar análises quantitativas, dada a restrição dos dados, mas pretendemos ilustrar as constatações que temos feito acerca de tal deslocamento. Acreditamos que nossa reflexão possa contribuir para as pesquisas na área de aquisição, pois com as análises realizadas, podemos perceber que a criança assume papéis particulares nas interações, uma vez que ela realiza escolhas discursivas conforme seu deslocamento em relação à situação social e à própria interação vivenciada no aqui-agora das enunciações. Isso reafirma que nada é isolado nas interações conversacionais, as escolhas verbais e até mesmo não verbais se definem em relação a um conjunto orquestral dos participantes da interação.

## **A orquestra e a interação conversacional**

Os componentes da comunicação não podem ser isolados como se eles tivessem uma significação particular e nem podemos analisá-los linearmente, pois a comunicação é um todo integrado, em permanente execução. Com essa concepção, Winkin (1998) propõe uma analogia para explicar o trabalho em conjunto realizado na comunicação: a comparação com a orquestra. O autor afirma que “[...] em sua qualidade de membro de determinada cultura, o ator social faz parte da comunicação, assim como os músicos fazem parte da orquestra. Mas, nessa vasta orquestra cultural, cada um toca adaptando-se ao outro” (Winkin, 1998, p. 14). Os trabalhos colaborativos na orquestra e na comunicação assemelham-se, uma vez que cada sujeito participa em conjunto e adaptando-se à participação do outro.

Ao se ocupar da comunicação, o autor acredita que a seleção e a organização dos comportamentos acarretam a adesão a um postulado: a existência de ‘códigos’ do comportamento. Esses códigos selecionariam e organizariam o comportamento pessoal e interpessoal, regeriam sua apropriação ao contexto e, portanto, a sua significação. Todo homem viveria necessariamente (embora inconscientemente) em e por códigos, pois todo comportamento implica o seu uso. Assim, a partir do momento em que um indivíduo abre a boca e fala a outro indivíduo, utiliza involuntariamente um conjunto de regras: regras de formação da linguagem, regras de utilização de um nível de linguagem apropriado a seu interlocutor, ao

assunto abordado, ao lugar onde se encontram, regras de alocação dos turnos e dos tempos de fala concedidos a cada interlocutor, entre outras. Certamente Winkin (1998) está se referindo ao grande fenômeno da comunicação; no entanto, em nossos trabalhos, entendemos que esse conjunto de regras é manifestado na particularidade do momento da enunciação, levando em conta as características da situação interacional.

Ao pensarmos na enunciação sob o viés benvenistiano, deparamo-nos com a relação viva e imediata do enunciador ao outro, o que coloca em relevo a enunciação como ato e supõe o diálogo, pois, desde que o locutor assim se declara e assume a língua, “[...] ele implanta o outro diante de si” (Benveniste, 1989, p. 84). Em Diedrich (2015), ocupamo-nos dessa relação na experiência de aquisição da linguagem da criança e vimos que os deslocamentos que a criança realiza no ato de aquisição se dão via arranjos vocais altamente dependentes dessa relação instituída com a língua e com o outro da enunciação, arranjos mobilizados no aqui e agora do discurso. Esses estudos já realizados nos revelam a singularidade de cada discurso construído na particularidade de cada interação. Por essa razão, julgamos pertinente revisitar a questão, agora sob o viés da interação, uma vez que todo discurso da criança se dá em situações interacionais vivenciadas com outros interactantes, adultos e crianças.

Levinson (2006) afirma que, num processo interacional, é de suma importância a escolha dos elementos que permitem ao outro entender o conteúdo a que se está referindo. Segundo o autor, se vamos produzir uma ação coletiva, tal qual o faz a orquestra, conforme nossa analogia, cada ação contributiva deve ser construída para que o outro possa entender o que pretendemos. No caso de nossa pesquisa, voltamo-nos para as escolhas discursivas mobilizadas pela criança na busca de dar conta dessa ação coletiva que se institui nas interações conversacionais cotidianas, como se a criança dissesse: ‘o que preciso fazer para participar dessa orquestra? Qual o meu papel e como posso tocar a mesma música que os demais?’.

Apoiados nos estudos da Teoria Dialógica do Discurso, do Círculo de Bakhtin (Volóchinov, 2017), acerca de interação e enunciação, levamos em conta o que afirma Kerbrat-Orecchioni (2006): numa troca comunicativa, não basta que dois falantes falem alternadamente, é preciso que haja um engajamento na troca. Tal engajamento precisa se revelar no que se diz e no como se diz, via elementos do discurso, verbais e não verbais, linguísticos e paralinguísticos. É necessário, portanto, que os falantes produzam os signos deste engajamento mútuo, recorrendo a diversos procedimentos de validação interlocutória. Dessa atualização, derivam mecanismos de uma prática coletiva, na qual os interactantes produzem um conjunto de procedimentos que visam à organização conjunta do discurso produzido.

As influências mútuas que exercem os falantes na interação conversacional revelam a sincronização interacional, o que permite compararmos tal ação à performance de uma orquestra, envolvendo, entre outros, o funcionamento dos turnos da fala e os temas mobilizados na sequência conversacional. Esses mecanismos manifestam-se desde o nascimento e condicionam o bom funcionamento das trocas sociais e justamente por isso são reconhecidos por nós como bons indicadores para a compreensão dos deslocamentos da criança na sua experiência de aquisição. Tais deslocamentos, no entanto, assumem particularidades advindas da vivência da situação social e da relação estabelecida pelo próprio ato interacional, dada sua dinâmica singular a cada realização. Ocupamo-nos desses deslocamentos na próxima seção, embasados pelos princípios da Análise Dialógica do Discurso.

### **A vivência da criança na linguagem sob o olhar teórico da interação**

Estudos anteriores sobre a interação de crianças, como os de Stivers, Sidneel e Bergen (2018), partem do princípio de que o sucesso da interação social vivida pela criança envolve consciência e uso reflexivo de normas sociais relevantes. De posse desse princípio, as autoras percebem em suas pesquisas que, até os três anos de idade, a criança já desenvolveu amplamente os aspectos semânticos, sintáticos, pragmáticos e fonéticos de sua língua nativa. Contudo, é ainda mais lenta na conversação do que os adultos, o que, para esses pesquisadores, deve-se ao fato de as crianças demonstrarem compreensão ainda limitada do seu comportamento em relação às normas sociais, o que significa que as crianças ainda não fazem um uso reflexivo das normas sociais a fim de facilitar o fortalecimento ou enfraquecimento de suas interações sociais.

Outro aspecto já discutido nas interações envolvendo criança diz respeito à polidez e persuasão. Ervin-Trip, Guo e Lampert (1990) afirmam que, numa observação longitudinal, é possível perceber que há um aumento, com a idade das crianças, nas estratégias de persuasão e táticas sociais em suas interações, no entanto, em idade escolar há uma queda no uso de formas educadas e atenuadoras por parte da criança. Essa realidade é explicada, no estudo, por meio de duas questões: a primeira delas diz respeito ao fato de a

criança descobrir que a polidez não é persuasiva em grande parte de suas interações; a segunda questão aponta para a existência de um comportamento diferenciado da criança em relação a crianças mais novas, as quais, ao contrário de crianças mais velhas, não se mostram interessadas em negociar status.

Tais estudos nos motivam a pensar, sob o olhar teórico da interação, que há na vivência da criança na linguagem um deslocamento marcado nas interações conversacionais com adultos e com crianças mais velhas constitutivo da aquisição da linguagem. Os estudos mencionados levaram em consideração, principalmente, a relação com o outro, adulto ou criança, mais nova ou mais velha, o que, para nós, é fundamental, uma vez que partimos do pressuposto de que o deslocamento da criança na linguagem se dá sempre em relação à língua, ao outro e ao papel interacional por ela assumido como sujeito de dizer.

Acreditamos, dessa forma, que descrever os movimentos que a criança faz na construção da conversação face ao que o outro diz pode revelar importante passo da criança em sua inserção social via linguagem. Em relação a isso, apoiamos-nos nos estudos de Levinson (2007), autor que vê no mecanismo de interação acionado nas conversas do dia a dia a matriz para aquisição da linguagem e socialização. Essa constatação nos autoriza a pensar no conceito de experiência como resultado da vivência da criança via linguagem, o que acontece na mobilização de valores simbólicos, e se estabelece na particularidade das interações conversacionais, frente à flexibilidade pragmática característica dos eventos conversacionais. Os valores simbólicos que marcam o dizer de um e de outro na conversação constituem elementos importantes da aquisição da linguagem, pois é entre eles que a criança, na sua apropriação da língua em suas manifestações discursivas, produz sentido, considerado por nós como geral, uma vez que está atrelado à língua e aos signos desta língua, mas também singular, dada a particularidade de cada situação comunicacional, além da subjetividade de cada sujeito que enuncia.

Importantes estudos acerca da interação na aquisição da linguagem já foram realizados também no Brasil. Dentre eles, destacamos os trabalhos precursores de Lemos, autora que pesquisou e influenciou muitos outros pesquisadores da aquisição da linguagem numa perspectiva sociointeracionista. Segundo Lemos (1986), os papéis sociais inscritos no discurso são gradualmente assumidos e organizados pela criança e é desse processo que emerge a possibilidade dela se conceber como sujeito. No centro desses estudos, encontram-se os processos dialógicos, uma vez que é em sua relação com o outro que a criança se institui como sujeito. Sem dúvida, esses trabalhos foram extremamente importantes para a perspectiva de estudos que se sucedem e que veem o papel da criança em sua experiência social de aquisição da linguagem com mais clareza. De posse desse conhecimento, reportamo-nos aos estudos de Del Ré, Marchezan, Vieira e Quimello (2014), os quais focalizam a produção de sentido na interação entre pais e filhos e mostram que o outro tem uma importância muito grande nesse processo, pois contribui, na maior parte das vezes, para o desenvolvimento e a convergência dialógica, nos termos bakhtinianos. Dos estudos referidos, entendemos que nosso olhar se aproxima do que as pesquisas de Del Ré et al. (2014) afirmam, pois suas investigações, assim como a reflexão que estamos propondo, apoiam-se em conceitos advindos dos estudos do Círculo de Bakhtin, os quais estamos chamando aqui de Teoria Dialógica do Discurso, para olhar a interação da criança.

Com esse olhar, destacam-se os seguintes conceitos: a) a orientação da palavra em função do outro, uma vez que a palavra só se define em relação ao outro, como um território comum do locutor e do interlocutor. É justamente esse território que concorre para o estabelecimento das relações na interação conversacional; b) orientação apreciativa (Volóchinov, 2017), a qual marca toda enunciação, e se revela um fenômeno fundamentalmente social, um julgamento de valor em relação a tudo que se enuncia, uma vez que nada do que se diz é vazio ou neutro.

Esses conceitos estão atrelados à concepção do enunciado como aquele “[...] que se forma entre dois indivíduos socialmente organizados” (Volóchinov, 2017, p. 204). A organização social vivenciada na interação é responsável pelas escolhas enunciativas que marcam a interação. No caso da criança, ela se relaciona, nos segmentos analisados neste artigo, ora com outra criança mais velha, ora com um adulto, o que aponta para especificidades na linguagem da criança tendo em vista sua relação social com o (s) interlocutor (es). Trata-se da determinação que exerce, no dizer da criança, a situação social mais próxima e o ambiente social mais amplo por ela vivenciado. A experiência da criança na linguagem, sua relação com o outro e com a língua com a qual se constitui se dá numa relação simbólica, ideológica, segundo a concepção de “[...] forma ideológica [...]” de Volóchinov (2017, p. 207). Logo, toda experiência da criança com a linguagem está de certo modo relacionada ao contexto valorativo que imprime ao enunciado um tom específico: apelo, gracejo, crítica.

Acreditamos que, ao pensarmos na interação da criança em analogia com a orquestra, esses conceitos se revelam importantes para entendermos o que, de fato, acontece com a criança ao assumir determinados papéis nas interações conversacionais. Ela assim o faz em relação ao que o outro diz ou faz, em relação ao papel assumido pelo outro nas relações sociais para além da particularidade da enunciação em si, em outros eventos interacionais, inclusive. Acreditamos que há questões a serem pensadas para além do verbal, mas também em relação ao verbal, ou seja, há implícitos a serem levados em conta nas interações.

Além disso, a adaptação do discurso da criança em relação ao discurso do outro revela a orientação apreciativa assumida ou rejeitada pela criança. E, aqui, seguindo a direção da Análise Dialógica do Discurso que assumimos, concorre para a definição de orientação apreciativa um escopo bastante amplo de valores sociais, relacionados aos conhecimentos partilhados no que estamos chamando de “experiência da criança na linguagem”, os quais se constituem a partir das instituições sociais das quais a criança participa: família, escola, roda de amigos, entre outras. Segundo Volóchinov (2017), toda vivência é marcada pela orientação apreciativa, realidade que define a “[...] vivência do nós [...]” (Volóchinov, 2017, p. 208), segundo a qual quanto mais diferenciada for a coletividade na qual se orienta um indivíduo, mais complexa será sua personalidade falante: “[...] quando a vivência é atualizada em um enunciado finalizado, a sua orientação social adquire uma direção para a situação social mais próxima da fala e, acima de tudo, aos interlocutores concretos” (2017, p. 211). Associamos a vivência do nós à metáfora da orquestra, o que permite perceber a participação da criança em situações interacionais conversacionais como resultantes da vivência de um determinado mundo orquestrado, do qual emergem seus enunciados, numa manifestação da constituição ininterrupta do sujeito na linguagem no meio social, como veremos na próxima seção.

### A criança na comunicação orquestral: os eventos analisados

Os eventos interacionais que analisamos em nossas investigações (Diedrich, 2015) foram vivenciados por uma criança na faixa etária de dois anos. Representam interações naturalísticas em situações espontâneas de conversação. Foram produzidos com a participação da pesquisadora na interação, a qual por vezes interage com a criança, por vezes, apenas observa a interação, o que, acreditamos, contribui para a espontaneidade e naturalidade da criança.

Nos eventos transcritos a seguir, Ber é a denominação que usamos para a criança de 9 anos que interage com Dália, a criança sujeito da pesquisa. Usamos uma trilha chamada ‘comentário’, na qual descrevemos as ações de Dália; e outra chamada ‘corpo’, na qual descrevemos a gestualidade de Dália. Essas duas trilhas estão relacionadas aos elementos verbais produzidos concomitantemente, usando-se, para isso, o sinal (:::). Os tons ascendentes são marcados na transcrição com letras maiúsculas, a silabação é marcada por traços que separam as sílabas; as pausas são marcadas por reticências. Os trechos sublinhados representam tons descendentes, sussurros. Certamente não temos a pretensão de apresentar aqui uma descrição exaustiva das normas de transcrição usadas, mas apenas dar a conhecer os elementos básicos que possibilitam a análise.

#### Evento 1

Participantes: Ber e Dália

Data da coleta: 28/08/2012

Idade da criança: 2; 3; 4

Situação: Dália e Ber brincam no interfone do apartamento de Dália, sob os olhos das mães. Dália toma o interfone e simula estar falando com alguém.

Ber: diz alô

Dália: alô você tá ii?

.....

Corpo: Mexe a cabeça para baixo acompanhando a emissão verbal de pergunta.

Comentário: Dália fica em silêncio parecendo aguardar uma resposta ao interfone.

Dália: QUE TU TE AÍ NÓIS uma su-pee-ee-sa uma noova ... mia casa tem uma supesa/

.....

Corpo: Fica olhando para o alto.

Dália: tá bom

.....

Corpo: Faz menção de desligar o interfone.

Ber: tiau diz tiau

Dália: tiau

Neste evento, observamos a criança vivenciar uma experiência de interação altamente marcada pela ação da criança mais velha: falar ao interfone se revela um faz de conta iniciado pelo outro, ao orientar a ação com o enunciado: ‘diz alô’; ‘tiau diz tiau’. Ao vivenciar essa situação, Dália, porém, mobiliza outra relação interacional, na qual a posição de ‘tu’ é ocupada pelo outro imaginário, para o qual ela narra as novidades do cotidiano por meio da interlocução a distância. A interlocução a distância, como aquelas ao telefone ou ao interfone, não somente para a criança, mas para qualquer locutor, produz a necessidade de se mobilizar a língua em relação ao outro que não se encontra no mesmo ‘aqui’ do locutor, o que provoca, em geral, o uso de estratégias para minimizar essa distância espacial.

No caso do evento em questão, a situação é mais complexa ainda por se tratar de um outro imaginado, não real: de fato, não há um interlocutor ocupando o lugar do ‘tu’ enquanto figura reversível; a criança enuncia para um ‘tu’ imaginário. Justamente por essa configuração, a criança ativa conhecimentos anteriormente partilhados, em outras interações, para ocupar seu espaço de dizer nessa conversação em específico, ou seja, reproduz ao interfone formas de dizer já ouvidas ou vivenciadas em outros momentos de interlocução a distância, como ao telefone, por exemplo. É o que mostram os alongamentos que marcam a emissão do enunciado de abertura e a instauração da presença do ‘tu’ imaginário por meio da interrogação: ‘alô você tá ii?’. É importante registrar inclusive o silêncio ocupando seu turno, como uma espécie de espera escutatória do dizer do outro, o outro imaginário. É possível perceber nessa interação que a criança assume, em sua enunciação, as orientações da criança mais velha, como uma forma adequada de se portar ao interfone. É o que ocorre, por exemplo, na interrupção do outro ao ato de desligar o interfone, orientando a criança de que ela deveria dizer ‘tiau’, num típico encerramento da conversação imaginada.

No entanto, mesmo aceitando essas orientações, a criança não se limita à sua execução, ela vai além, pois reveste as formas enunciadas de elementos vocais renovados por ela, como o tom ascendente, a entonação de pergunta, os gestos e os movimentos corporais que acompanham o dizer. Esses arranjos renovados a cada enunciação revestem as palavras de noções particulares vinculadas à orientação apreciativa do aqui-agora, como uma verdadeira adaptação do seu dizer à situação interacional projetada na conversação. O que não está dito, mas fica presumido neste evento é que há um modo de dizer a ser seguido, e a criança, para ocupar seu papel na interação, precisa assumir esse modo de dizer, o que acontece à sua maneira, revelando seu julgamento da situação e do que se diz. Cumpre-se, assim, o que afirma Volóchinov (2017, p. 219): “Todo enunciado, por mais significativo e acabado que seja, é apenas um momento da comunicação discursiva ininterrupta [...]”, o que implica a necessidade de olharmos para a situação concreta se quisermos compreender a experiência do sujeito na linguagem.

Podemos perceber, com a análise desse evento, portanto, que a criança é introduzida na brincadeira do interfone pelo outro, o qual é o responsável pelos diversos encadeamentos conversacionais produzidos na interação imaginada, levando a criança, inclusive, a adotar determinadas regras de conduta social na interação conversacional, como a abertura e o fechamento de turno, a saudação final, num verdadeiro engajamento mútuo de construção de uma determinada enunciação. Deslocando-se nessa estrutura, ela assume a partitura imposta pelo outro e a executa a contento no universo social do qual faz parte, embora essa execução revele muitas marcas particulares que ecoam outras enunciações vivenciadas em outras situações interacionais e agora atualizadas. Não se trata, portanto, de apenas reproduzir uma partitura em execução, mas de uma adaptação de diferentes partituras ao aqui-agora dessa conversação, destacando-se entre elas: a conversa ao interfone, as diversas conversas a distância já vivenciadas pela criança, a interação com a criança mais velha, entre outras.

No evento seguinte, vemos novamente essa orquestra se organizar em torno de um determinado modo de dizer. No evento 2, a criança interage com a própria pesquisadora, Mar.

#### Evento 2

Participantes: Dália, Mar

Data da coleta: 28/10/2012

Idade da criança: 2;5;4

Situação: Dália e Mar caminham no pátio observando um gato de cor amarela que passeia entre elas.

Dália: OLHA ! o pintinho amaleelinho... não. espera. não i fica qui.

Comentário: Dália fala dirigindo-se ao gato que passa por ela.

Dália: não é a maluca. é o pintinho... oi... ... vem vem vem

Dália: olha o pintinho amalelinho

Mar: CUIDADO. ele é UM PINTIINHO amarelinho??  
 Dália: ééé ... vem PINtiinhuu ... o que o pinTInho tá fazeenndo?  
 Mar: ele não é um gatinho?  
 Dália: ele é gatinho miaaaaauuu oi gatiin/gatinho  
 Mar: por que tu chama ele de pintinho?  
 Dália: chama eele ... PINTINHOO... GATINHOOO.... PINTINHOOO  
 gatinhopintinho  
 comentário: Mar ri baixinho.  
 Mar: o nome dele é gatinho pintinho amarelinho?  
 Dália: vaivai... vai lá na água  
 ::::::::::::::  
 Corpo: Movimenta o braço fazendo sinal para o gato ir em frente.  
 Dália: olha o gatinho ama/lelinho... é é PINTinho amalelinho?  
 Mar: é pintinho amareLInho? ... igual o da música né?... vamo cantá PRA ELE?  
 Dália: vaamu  
 Mar: como é que é?  
 Corpo: Dália faz o movimento de bater um dedinho na palma da mão,  
 silenciosamente, numa referência à mímica da música infantil.  
 Mar: caabe aqui ?  
 Dália: na minha mão  
 Mar: QUEM que cabe na tua mão?  
 Dália: o piintinho  
 Mar: o pintinho amarelinho? e dá pra cantá uuum gatiinhoo amareliinho... dá?  
 Comentário: Mar enuncia o trecho da música infantil cantarolando-o.  
 Corpo: Dália corre, distraindo-se com a visão de Ber que se aproxima.

A interação conversacional expressa no evento 2 se marca por uma tentativa de ajuste na nomeação do animal em questão: trata-se de um pintinho ou de um gatinho? Nessa tentativa de ajuste, há de se destacar o papel de um elemento da cultura que marca o diálogo: a concorrência entre a palavra ‘pintinho’ e ‘gatinho’ só é vivenciada em função do arranjo vocal que dá conta do ritmo da música infantil bastante popular, gravada pelo apresentador televisivo Gugu Liberato, conhecida como *Pintinho Amarelinho*, cuja letra diz: “Um pintinho amarelinho cabe aqui na minha mão” (Liberato, 1994) No ritmo da música, as duas formas são satisfatórias, independentes do que significam. Trabalhamos com a noção de arranjo vocal (Diedrich, 2015) como o arranjo da significação vivenciado na particularidade da enunciação e que afeta, via elementos vocais, formas e funções da língua no discurso.

No evento analisado, é a criança quem primeiramente chama o gato de pintinho amarelinho, mas é o adulto que problematiza a questão, trazendo para o diálogo a dúvida acerca de como ele deve ser nomeado. Há um nome específico a ser usado e uma orientação apreciativa acerca deste uso que é explicitada na interação pelo adulto. É justamente essa contribuição do outro que leva a criança a alternar as formas pintinho e gatinho, mas sempre associadas ao adjetivo amarelinho, na busca de referência e correferência que atenda à relação intersubjetiva necessária para que a interação atinja seu objetivo.

A criança chega ao ponto de se voltar ao adulto para perguntar se é gatinho ou pintinho, num claro reconhecimento da relação que o adulto tem com a língua: uma relação de autoridade ou de conhecimento qualificado. O adulto, por sua vez, ao invés de responder, convida-a a cantarolar e gesticular a música infantil *Pintinho amarelinho* (Liberato, 1994), produzindo uma nova referência no ato de interação: os gestos da criança reproduzem a mímica da música infantil.

A particularidade da interação, portanto, leva a criança a efetivar novas formas, ‘gatinho amarelinho’, ‘gatinho pintinho’, no uso, na comunicação viva que vem marcada pelo conhecimento do universo cultural do qual a música infantil faz parte, adaptado à particularidade do discurso, evocando elementos dos valores sociais vivenciados pela criança em outros momentos, sejam eles na família, na televisão, nas mídias em geral, entre outros universos. A orquestra se organiza novamente frente à singularidade do ato interacional, procurando dar o tom específico exigido pela situação.

## Considerações finais

Os eventos aqui analisados representam apenas uma ilustração da pesquisa que realizamos em nosso projeto, a qual trabalha com um número maior de eventos interacionais. Mas, como não partimos de

metodologias quantitativas, entendemos que os eventos aqui analisados podem assumir um valor bastante significativo para as pesquisas na área de aquisição, pois, à luz do que nos propomos observar, conseguimos responder à questão que nos move: Que movimentos a criança realiza na construção da conversação face ao que o outro diz? Com a reflexão proposta, afirmamos que:

a) A criança assume determinados papéis particulares nas interações vivenciadas com o outro, os quais apontam para um deslocamento de situações sociais já vivenciadas em outras enunciações para a especificidade do aqui-agora da situação mais imediata. Trata-se do movimento constante entre a situação social mais próxima, o contexto interacional conversacional, e o ambiente social mais amplo que caracteriza a vivência da criança na linguagem.

b) Esse deslocamento da criança em relação à situação social a leva a fazer escolhas discursivas sempre renovadas no 'aqui-agora' enunciativo, embora as estruturas linguísticas possam se repetir. A renovação das escolhas está atrelada ao papel ativo da criança, a qual assume uma determinada orientação apreciativa, segundo a concepção dialógica de estudos do discurso, para o que o outro diz. Assim, há a orientação da palavra para o interlocutor, mas como um ato bilateral: na interação conversacional há um ajuste de formas e sentidos que levam em conta grande parte das contribuições do outro, mas numa constante adaptação à expressão do falante, o que permite à criança assumir seu papel de sujeito.

Essas constatações reafirmam a pertinência da analogia proposta neste artigo. Nada nas interações conversacionais da criança é isolado, tudo se define em relação a um conjunto orquestral que determina, em alguma medida, o papel assumido pela criança nas interações, revelado, principalmente, pelas formas linguísticas escolhidas acompanhadas de elementos não verbais, de entonações específicas, as quais não se encerram em si, mas encontram-se relacionadas a outros dizeres, vivenciados em outros momentos, mas que, de alguma forma, se presentificam a cada novo dizer. Não se trata, portanto, de um solo, mas de uma grande orquestra que ecoa permanentemente estilos e modos distintos que se adaptam à execução orquestral numa aparente homogeneidade; homogeneidade que, à luz de um exame mais atento, se desfaz em função da diversidade de vivências interacionais que comparecem a cada aqui-agora da criança e em função das inter-relações entre falante e interlocutor. A aparente homogeneidade dá lugar à heterogeneidade dialógica da palavra, uma vez que outros dizeres comparecem na enunciação, o que leva a criança a determinadas escolhas interacionais específicas para poder participar da orquestra e executar a música que se anuncia.

Defendemos, portanto, com base nos movimentos percebidos nos eventos analisados, que é esse mover do geral das interações sociais para a particularidade enunciativa, da adaptação ao discurso do outro para a singularidade do dizer, que se consolida a experiência da criança na linguagem.

## Referências

- Benveniste, E. (1989). *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes.
- Del Ré, A., Marchezan, R. C., Vieira, A. J., & Quimello, H. (2014). A produção de sentido na interação entre pais e filhos. In A. Del Ré, L. Paula, & M. C. Mendonça (Org.), *A linguagem da criança: um olhar bakhtiniano*. São Paulo, SP: Editora Contexto.
- Diedrich, M. S. (2015). *Aquisição da linguagem: o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre.
- Diedrich, M. S. (2017). O homem na linguagem: o entrelaçamento língua e cultura na aquisição da linguagem numa perspectiva enunciativa aquisicional. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, 39(4), 381-386. Doi: 10.4025/actascilangcult.v39i4.31868.
- Ervin-Tripp, S. M., Guo, J., & Lampert, M. (1990). Politeness and persuasion in children's control acts. *Journal of Pragmatics*, 14(2), 307-331. Doi: 10.1016/0378-2166(90)90085-R
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2006). *Análise da conversação: princípios e métodos* (Carlos Piovezani Filho, Trad.). São Paulo, SP: Parábola.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1986). 'Nouvelle communication' et 'analyse conversationnelle'. *Langue Française* 70(1), 7-25. Recuperado de [http://www.persee.fr/doc/lfr\\_0023-8368\\_1986\\_num\\_70\\_1\\_6368](http://www.persee.fr/doc/lfr_0023-8368_1986_num_70_1_6368)
- Lemos, C. T. de. (1986). Interacionismo e aquisição da linguagem. *Delta. Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 2(2), 231-148.
- Levinson, S. C. (2006). *Properties of human interaction*. New York, NY: Berg.
- Levinson, S. C. (2007). *Pragmática*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

- Liberato, A. (1994). *Meu pintinho amarelinho*. Recuperado em 19 de Junho de 2020 em <https://www.youtube.com/watch?v=ZFoUjRS3Kro>
- Stivers, T., Sidneel, J. S., & Bergen, C. (2018). Children's responses to questions in peer interaction: a window into the ontogenesis of interactional competence. *Journal of Pragmatics*, 124(1), 14-30. Doi: 10.1016/j.pragma.2017.11.013
- Volóchinov, V. (2017). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo, SP: Editora 34.
- Winkin, Y. (1998). *A nova comunicação. Da teoria ao trabalho de campo*. Campinas, SP: Papirus Editora.